

DEZ  
13 DEZ. 2019

## HISTÓRIA, MEMÓRIA E DEVOÇÃO: AS VOZES DO ROSÁRIO DA PENHA DE FRANÇA

Alessandra Guedes Moreira<sup>1</sup>

**Resumo:** Identificando um caminho ainda pouco investigado, o da liturgia musical das celebrações católicas aculturadas, este trabalho se caracteriza pela análise dos cânticos das celebrações da Igreja do Rosário dos Homens Pretos de Penha de França- na zona leste da cidade de São Paulo – tendo como objetivo entender como se dá o resgate da memória afetiva entre a população negra e seus ancestrais na atualidade, e de que forma os negros desta comunidade particular resgatam sua cultura ancestral como contribuição para as sociedades em que participam. Sendo assim, além de responder questões sobre a origem das irmandades leigas negras brasileiras ou mesmo investigar as práticas católicas dos africanos no Brasil Colonial, o estudo se destina exclusivamente a responder três problemas específicos: como a Irmandade dos Homens Pretos de Penha de França se preservou ao longo dos séculos XIX e XX, quais as ações que a comunidade da Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França promove e como elas contribuem para a recuperação da memória afetiva dos negros e por fim como a liturgia musical das celebrações resgata a ancestralidade negra. O corpus documental para o desenvolvimento deste trabalho é composto pelos folhetos de cânticos entoados na celebração mensal da Igreja, que serão analisados partir das possibilidades de interpretação do processo histórico e do conceito de memória. Como resultado, espera-se identificar as relações estabelecidas no território religioso popular através de suas celebrações, características que podem remeter a um passado que muitos pensavam não existir mais na cidade de São Paulo além de preservar e manter viva a memória ancestral, caracterizando este como um lugar de memória negra e identidade popular paulista.

---

<sup>1</sup> Aluna do sexto semestre do Curso de Graduação em Licenciatura História da Universidade Santo Amaro – UNISA, São Paulo. [alemore13@hotmail.com](mailto:alemore13@hotmail.com) Bolsista CAPES – Residência Pedagógica. Membro do Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento – CISGES/UNISA/CNPq. Professor Orientador: Dr. Paulo Fernando de Souza Campos. [pfcampos@prof.unisa.br](mailto:pfcampos@prof.unisa.br) Co-Orientador: Prof. Fabrício Forgenes Santos – FAAC/UNESP - MAS

**Palavras-chave:** História da religião; Catolicismo Afro-Brasileiro; Liturgia Musical; Memória

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo aborda a liturgia musical, da Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, cujos cânticos são entoados nas celebrações aculturadas organizadas mensalmente pela comunidade do Rosário. O estudo analisa como estas liturgias resgatam a memória afetiva entre a população negra e seus ancestrais na atualidade, e quais as ações que a comunidade realizou e realiza para a recuperação desta memória. Não obstante às questões inerentes a musicalidade, a elaboração deste trabalho nos permite elucidar ainda os seguintes problemas: como a Irmandade dos Homens Pretos da Penha de França se preservou ao longo dos séculos XIX e XX? Quais as ações que a comunidade da Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França promove e como essas contribuem para a recuperação da memória afetiva dos negros? Como a liturgia musical das celebrações resgata a ancestralidade negra?

Os motivos acadêmicos e sociais que qualificam o estudo no âmbito interdisciplinar de pesquisa no campo da História, Religião e dos estudos sobre memória, responde à necessidade e importância de entender a formação histórica da memória afetiva para os negros e como este resgate da memória é importante para os dias atuais, com a linguagem oral. Segundo Dupron: Não há linguagem inocente ou neutra: que tudo fala que tudo é significativo, o pleno como o vazio e, sobretudo o silêncio inconsciente ou voluntário. (1917, p.192)

Ainda que utilizada com intenções diversas, a música seria uma forte aliada para o restabelecimento de laços afetivos no seio das instituições católicas, já que outras manifestações poderiam sofrer proibições devido à declarada conexão com culturas consideradas pagãs; por intermédio da liturgia musical poderiam ser tecidas redes de memória afetiva entre os integrantes deste grupo. Dos trabalhos onde aparece o negro na chave da música, o pesquisador José Ramos Tinhorão (2012) revela que alguns africanos eram utilizados como tocadores em celebrações muito particulares, comprovados tanto pela documentação estudada quanto pelo retábulo do Altar de Santa Auta, obra de 1522 apresentada atualmente no Museu Nacional

de Arte Antiga de Lisboa. Em outra perspectiva, no trabalho sobre a musicalidade do negro a pesquisadora Glaura Lucas (2014) ao abordar os sons do congado, reforça que a importância da música ultrapassava o caráter religioso, demonstrando, de certa forma, que este poderia ser um importante instrumento para a salvaguarda e disseminação das tradições ancestrais:

Na qualidade de membros das Irmandades, por exemplo, os negros encontravam justificativas para as constantes reuniões musicais nas ruas, nas quais lhes era permitida a produção de uma música própria. E mesmo sem o pretexto das festas religiosas, os negros continuaram a tocar a sua música. (LUCAS, 2014, p. 47)

A proposta de Maria Luiza Tucci Carneiro (1996) caracterizada como “Análise de Discurso” foi usada como método da pesquisa. A autora evidencia a pesquisa científica a partir do método que busca identificar a retórica como uma das inúmeras formas de expressão social, método este que se vale dos conhecimentos de diferentes campos como a antropologia, sociologia, psicologia, na busca por identificar a retórica como uma das inúmeras formas de expressão para, deste modo, apurar o grau de representatividade dos estereótipos, dos preconceitos, do racismo.

Através da interpretação na perspectiva de Jacques Le Goff (2013) no que diz respeito às memórias enquanto *memorare monumentum* (“recordar um sinal do passado”) segundo o mesmo autor elas reafirmam e consolidam o patrimônio de outros tempos, consagrando-os para gerações presentes e futuras como valor cultural deixado por outras relações humanas, inspirando construções e reconstruções de mentalidades futuras. Desta feita, o mesmo Le Goff nos diz:

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 2013, p. 435)

No primeiro tópico irei traçar a trajetória histórica de como a Irmandade dos Homens Pretos de Penha de França fez para se preservar durante os séculos XIX e XX, em São Paulo, e como se mantém até hoje, evidenciando a importância das irmandades para os negros escravos e libertos do Brasil Colonial, e

respondendo questões sobre a origem das irmandades negras brasileiras ou mesmo elaborando investigações sobre as práticas católicas dos negros no Brasil.

No segundo tópico vamos tratar sobre o conceito de memória, identificando nas ações da comunidade da Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, de que maneira é recuperada a memória afetiva dos negros, que entre a maior parte de seus integrantes estão os que possuem descendentes que pertenceram a Irmandade dos Homens Pretos. Por muitas vezes as irmandades tinham um papel muito importante na vida de negros e mulatos, cativos ou libertos, e eram um canal de preservação e expressão de seus valores e anseios religiosos, sociais e políticos, em um contexto escravista.

No terceiro tópico identificaremos nas fontes, as liturgias musicais usadas na celebração mensal da Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, como as letras destas músicas resgatam a memória e a ancestralidade dos negros, objetivando assim apresentara importância da música e da dança na cultura africana e de seus descendentes, manifestadas em forma de devoção aos santos católicos.

## **HISTÓRIA DE DEVOÇÃO: A IGREJA E AS IRMANDADES**

A fundação de irmandades leigas tinha como principal objetivo a reunião de um grupo particular ao redor de uma devoção católica, em tempos onde caberia ao povo a administração e organização dos ritos que compunham o ciclo do nascimento à morte. Contudo, para os africanos a inserção nestas irmandades favoreceria a recriação de laços ancestrais na diáspora ou a atenção quanto a questões culturais muito particulares como aponta o pesquisador Fabrício Forgenes Santos:

Tais confrarias poderiam resolver uma questão importante na tradição africana que era o destino dos corpos dos mortos, concedendo aos escravos um lugar sagrado para suas sepulturas que, conforme suas crenças assegurariam a passagem do mundo dos vivos para o mundo dos ancestrais. Certamente esta garantia serviu de premissa na adesão de alguns escravos às irmandades, e assimilar em maior ou menor dose o catolicismo passou a ser uma decisão particular de cada irmão. (SANTOS, 2019, p.397)

Ainda que a organização de uma irmandade leiga por iniciativa dos negros fosse algo já previsto, deveriam ser obedecidos alguns procedimentos burocráticos

inerentes à fundação destas confrarias católicas, sendo o primeiro deles a solicitação de permissão para as autoridades da época por meio de um documento chamado Auto de Ereção, onde estes suplicariam também pela construção de seu templo. O pedido para a construção da igreja para a irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Negros da Penha de França é datado de 16 de junho de 1802. Construída em taipa de pilão, a igreja posteriormente seria implantada em terreno localizado próximo à colina da Penha, excepcionalmente em posição estratégica, “de costas” para a igreja dos brancos, contrariando o usual na época. Construída pelos pretos devotos da Virgem do Rosário, escravos ou libertos, para além dos anseios no cumprimento de um ideário cristão, este lugar assim como os outros usados pelas tradicionais Irmandades de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, seria o espaço onde seriam tecidas redes de solidariedade que poderiam auxiliar inclusive na busca das suas alforrias.

A Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França é a única igreja construída por negros escravos e libertos para suas práticas católicas que permanece no mesmo lugar de sua construção na cidade de São Paulo, recebendo apenas ajustes na fachada com ornamentos decorativos atualizados de acordo com o padrão de cada época, ou anexos que possibilitariam novos usos ao edifício (SANTOS. 2019 p. 406). O outro templo destinado a irmandades negras paulistanas, a igreja que se localizava no centro da cidade de São Paulo, mais precisamente no antigo Largo do Rosário, hoje Praça Antônio Prado, a Igreja do Rosário dos Homens Pretos, foi demolida e reconstruída no Largo do Paissandu e inaugurada em 15 de abril de 1906, onde se mantém até hoje. Próximo da zona leste de São Paulo, na cidade de Guarulhos a Igreja Nossa Senhora do Rosário da Irmandade dos Homens Pretos, que era localizada na área central da atual Cidade de Guarulhos também seria demolida entre o final da década de 1920 e início de 1930 para reformulação do sistema viário, dois exemplos que demonstram as tentativas de apagamento dos territórios simbólicos e matérias construídas para a comunidade negra, lugares repletos de identidades e memórias da cultura das camadas populares, revelando a importância da Igreja dos Pretos da Penha de França como resistência urbana, principalmente à comunidade dos negros.

Figura 1: Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França



Fonte: (Arquivo Pessoal 02/12/2018)

O reconhecimento deste lugar para a sociedade paulistana viria no dia 04 de maio de 1982, quando o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico – CONDEPHAAT decretaria o tombamento da igreja. O parecer realizado pelo arquiteto Carlos Lemos em visita a Igreja de Nossa Senhora da Penha no ano de 1973, deixa claro a surpresa ao encontrar a igreja dos negros preservada no plano paulista:

Nas imediações da igreja (da Penha) em questão existe, um modesto templo que merece nossa atenção por estar praticamente conservado, embora tenha o início de sua construção situada em 1802. Foi reformado por volta de 1896, quando lhe deram uma torre e um frontão “eruditos” que disfarçaram a primitiva feição caipira. Trata-se da Igreja de Nossa Senhora do rosário dos Homens Pretos da Penha de França. Os ex votos dos milagres feitos por Nossa Senhora da Penha ali estão guardados. É quase um museu. Sua restauração, fácil. Pessoalmente, achamos que, que se é para haver ali um tombamento, esse templo é que deverá ser preservado. (Lemos, 1973)

Com a finalidade de perpetuar lembrança dos antepassados que resistiram ao jugo da escravidão no Brasil e refletir sobre sua história, seria organizada a Comunidade do Rosário a partir do agrupamento de pessoas cujos ancestrais fizeram parte da Irmandade dos Homens Pretos, grupo que desde 2002 realiza a Festa de Nossa Senhora Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, que ocorre durante todo o mês de Junho – em homenagem ao documento Auto de Ereção, mencionado acima –, e celebrações mensais aculturadas. Esta pesquisa analisa os cânticos desta liturgia musical, músicas produzidas algumas vezes pelos próprios integrantes da comunidade e que são entoadas nessas celebrações mensais, investigadas neste trabalho na sua relação de resgate da memória afetiva dos negros.

## **MEMÓRIA: PRESERVAR E MANTER VIVA A IDENTIDADE POPULAR**

As comunidades organizadas como forma de resistência negra no Brasil têm nas Irmandades Leigas Católicas referências essenciais à medida que a dimensão de religiosidade dos descendentes de povos africanos no Brasil se constitui a partir desse núcleo tradicional. Por isso a importância da preservação deste território como um lugar de memória para a população negra em São Paulo.

As memórias, como propriedade de conservar certas informações, remeteram em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada. (LE GOFF, 2016, p.387) Com as celebrações mensais da Comunidade da Penha de França, em cada primeiro domingo do mês, o grupo resgata a ancestralidade do seu povo, que por muito tempo tiveram suas vozes silenciadas, através das orações e cânticos elaborados mediante a introdução de elementos da cultura afro-brasileira, resgatando a tradição por meio da memória da ancestralidade africana negra.

A memória humana não é uma mera reprodução de experiências passadas e sim uma forma de reconstrução destas experiências de acordo com a realidade presente, com recursos da sociedade e da cultura. O conhecimento que possuímos a respeito do acontecimento é suficiente para que ele possa fazer parte da memória

individual ou coletiva. Resgatando mais uma vez o trabalho de Le Goff, o autor designa para alguns povos africanos a memória coletiva. Diz ainda que na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana. (LE GOFF, 2016, p.391).

Nestas sociedades sem escrita, excetuando certas práticas de memorização "*nevarietur*", das quais a principal é o canto, são atribuídas à memória maior liberdade e mais possibilidades criativas. Le Goff já identificaria a importância do canto para algumas sociedades, que na religiosidade Afro Brasileira faz um papel importantíssimo nas celebrações, como identificado nas liturgias musicais da Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França. A religião, principalmente o Cristianismo, para Le Goff tem um papel importante na construção da memória como aponta:

Cristianização da memória e da mnemotécnica, repartição da memóriacoletiva entre uma memória litúrgica girando em torno de si mesma e uma memória laica de fraca penetração cronológica, desenvolvimento da memória dos mortos, principalmente dos santos, papel da memória no ensino que articula o oral e o escrito, aparecimento, enfim de tratados de memória (*artes memoriae*), tais são os traços mais característicos das metamorfoses da memória.(LE GOFF, 2016, p. 405)

A partir desse conceito de memória, podemos identificar a importância das irmandades para os negros alforriados ou escravos, utilizadas muitas vezes como espaços de socialização onde ocorriam trocas culturais, redes de solidariedades e assistência espiritual. Algumas coletavam dinheiro para custear o sepultamento de seus membros, angariavam recursos também para comprar alforrias.

A princípio a aproximação de uns com os outros se dava em função da busca do semelhante, ou seja, do portador da mesma língua, dos mesmos hábitos, das mesmas crenças. Devemos lembrar que os escravizados que foram trazidos para o Brasil vieram de vários países diferentes de África, arrancados de seu espaço religioso, algumas vezes proibidos de cultuar seus deuses, especialmente aqueles que viveriam no contexto urbano das vilas ou cidades. Os grupos étnicos e familiares separados, como uma tentativa de destruir sua memória coletiva e lhes tornar mais fracos, para serem submetidos à escravidão, ao encontrar semelhante reconfortava-se, pois encontrava uma segurança que era simbólica e respondia

asua afetividade. Para resolver esta lacuna, as Irmandades davam acima de tudo, o suporte para que os africanos e seus descendentes se integrassem a comunidade e nela encontrassem papéis sociais e espaços de convivência que a escravidão lhes negava.

Muito além dos novos laços de parentesco, para Roger Bastide (1971) o catolicismo negro foi um relicário precioso que a Igreja ofertou, não obstante ela própria, aos negros, para aí conservar, não como relíquias, mas como realidades vivas, certos valores mais altos de suas religiões nativas. Concorrendo com Bastide, Connerton (1999) argumentaria em seu trabalho que as cerimônias comemorativas eram uma forma de preservar o passado vivo por meio de uma representação descritiva de fatos que já haviam acontecido.

Trata-se de uma reencenações do passado. Do seu regresso sob uma forma representacional que inclui normalmente um simulacro de cena ou da situação capturada. Muito da persuasividade retórica dessas encenações depende, como vimos atrás, de um comportamento corporal prescrito, mas podemos também preservar deliberadamente o passado sem os representarmos explicitamente com palavras e imagens. Os nossos corpos, que nas comemorações reencenam estilisticamente uma imagem do passado, conservam-no também de forma inteiramente electiva na sua capacidade de executar espontaneamente os movimentos corporais em questão é deficiente, consultamos uma imagem mental daquilo que devemos fazer. Muitas formas de memória corrente especializada ilustram o relembrar constante do passado que, sem nunca aludir á sua origem histórica, reencena, todavia, esse passado na nossa conduta presente. Na memória corrente, ele está, por assim dizer, sedimentada no corpo. (CONNERTON, 1999, p. 83)

Assim foi e continua sendo a Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, que por intermédio de suas atividades religiosas preserva um território próprio onde a partir do encontro da comunidade, ela afirma uma identidade própria, construída na experiência coletiva da produção e na vivencia religiosa, social e cultural, transformando em um lugar carregado de valores afetivos e reconstruindo a memória religiosa afetiva do negro.

## AS VOZES DO ROSÁRIO: MÚSICA, CANTO E DANÇA

A reza do Rosário e a devoção dos negros a Nossa Senhora do Rosário foram introduzidas ainda na África pelos religiosos dominicanos no final do século XV. No Brasil este culto teria sido difundido já no início da colonização, pelos jesuítas, que em apoio ao sistema do padroado realizavam a catequese aos gentios a fim de levar à salvação as almas indígenas ou negras. A catequização jesuítica partia da ideia de que era preciso adaptar o dogma à mentalidade dos negros, que era para eles comparada a das crianças. De acordo com suas estratégias de aproximação entre ambas as culturas, seria preciso atraí-los pela música que adoravam, pela dança, não sendo preciso romper definitivamente com seus costumes tradicionais, mas apenas fazer uma adaptação aceitável para a igreja, que os levaria a verdadeira fé. Daí surgiram várias igrejas dos Homens Pretos homenageando Nossa Senhora do Rosário.

A igreja ao difundir a crença católica a todo povo, contribuiria para que os negros ajustassem o culto e a festa religiosa a partir de suas particularidades. Roger Bastide observou que o culto a Nossa Senhora do Rosário e aos santos pretos esteve relacionado, sobretudo aos bantos, tendo menor assimilação pelos daomeanos e yorubas:

As confrarias religiosas da Virgem do Rosário ou de São Benedito ofereciam aos bantos, apesar de tudo, uma concepção de "intermediários" que podia se adaptar à sua própria; de um lado, a ideia de que os santos eram os intercessores entre o homem e Deus, identificava-se em seu pensamento com a própria ideia de que eram os ancestrais que estavam encarregados de levar seus pedidos a Zumbi ou Zambi, divindade do céu, isso tanto facilmente, pois que a Virgem e os santos viveram na terra antes de alcançarem a glória de Deus. Em segundo lugar a existência de Virgens negras, de santos pretos podia fazê-los pensar que esses "negros" católicos tivessem sido ancestrais de suas raças, não mais, é verdade, ancestrais familiares, mas, ao menos, ancestrais nacionais. (BASTIDE, 1971, p.88)

Desta maneira, os bantos foram mais permeáveis que as outras etnias africanas à aceitação das confrarias. Com estas confrarias, surge uma nova igreja,

chamada por Bastide de “igreja negra”, com uma nova perspectiva cultural, de valores e de normas. Neste contexto aconteceriam as festas de devoção, com certos rituais africanos como a coroação de reis e rainhas, sempre fazendo uso de instrumentos próprios de percussão na execução de suas músicas e danças, num som constante que preenche os espaços do Sagrado conforme aponta Glaura Lucas:

Na qualidade de membros das Irmandades, por exemplo, os negros encontravam justificativas para as constantes reuniões para as constantes reuniões musicais nas ruas, nas quais lhes era permitida a produção de uma música própria. E mesmo sem o pretexto das festas religiosas, os negros continuaram a tocar sua música. (LUCAS, 2014, p.47)

O evento musical, desde as danças coletivas até o ato de colocar uma fita cassete ou um Cd num aparelho, evoca e organiza memórias coletivas e proporciona experiências de localidade com uma intensidade, uma força e uma simplicidade inigualáveis a nenhuma outra atividade social. Os lugares construídos através da música envolvem noções de diferenciação e fronteiras sociais. (LUCAS, 2014, p.77)

Esta vivência do sagrado foi e seguiu sendo importante no processo de resistência do negro nas Irmandades a partir dos conteúdos religiosos representados pelos antepassados. Neste aspecto se insere a Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França que resgata sua ancestralidade através dos cânticos entoados nas celebrações, como se vê nas letras, identificando os adjetivos que se referem diretamente ao sujeito ou grupos sociais como, por exemplo, no canto de abertura, que será investigado a seguir:

Acorda Negro pra moer café/ Acorda Negro pra moer  
café/ Negro já são cinco horas, hora de ficar de pé/  
Sinhá não quer saber, se Negro é homem, menino ou  
mulher/ Negro chora, chora para manter sua fé.  
(ABERTURA, CANTO DE ENTRADA, 2019)

A letra faz menção aos negros na condição de escravizados e mostra que enquanto sujeito eles não tinham escolha de vida, pois não importava seu gênero, sua vivência era valorizada apenas para o trabalho. Sempre estabelecendo relações com o ritual de fé praticado na Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de

França, busca-se através do canto de abertura o resgate da memória e a valorização da cultura afrodescendente.

Podemos identificar também nos cânticos a adoração e devoção por Nossa Senhora do Rosário, como em outro cântico que é costumeiramente entoado nas missas aculturadas da igreja da Penha de França. Este exemplo serve para constatar a teoria da pesquisadora Maria L. Tucci Carneiro (1996) no que diz respeito ao levantamento dos traços pertinentes a cada grupo, ou seja, da identificação dos elementos acionados para justificar ou aquela qualidade queira compor o perfil dos homens. Esta música, composta pelos membros da Comunidade do Rosário, serve também para destacar os pontos principais de Le Goff, a memória como sinônimo de resistência e a consciência de coletividade das Irmandades Negras:

Nossa Senhora do Rosário/ Mãe de Deus, nosso  
senhor/ do teu ventre nascem flores, da tua boca jorra  
amor/ Ê,ê, Ê Razão/ Quando os homens se encontram/  
vale mais o coração./ Do solo sagrado que acolhe a  
semente/ da forte mão preta de toda essa gente/  
arando.../ a luta e a transformação/ Rosário/ dos pretos,  
das pretas, de quem é irmão./ Auê ê ê... Ê auê/ Nossa  
Senhora do Rosário/ Nossa força é a tradição das  
mulheres, que costuram as memórias deste chão./ Ê, ê,  
ê paixão!/ Na fé deste quilombo/ Que resiste meu  
irmão.../ Do solo sagrado que acolhe a semente/ Da  
forte não preta de toda essa gente arando.../ A luta e a  
transformação Rosário.../ Dos pretos, das pretas de  
quem é irmão. (CANTO DE ENTRADA- ROSÁRIO,  
2019)

A música acima em sua letra aborda a lutas mulheres negras e sua transformação, indicando que tais ações são sinais de resistência e que essa luta seria um marco na história. Inconscientemente ou não, esse trecho composto sugere intenções de perpetuação entre as futuras gerações. Segundo Le Goff seria este um mecanismo da sobrevivência das tradições da memória oral e do resgate da memória de um passado ancestral. Abaixo, mais uma música encontrada no folheto de cânticos da missa da Penha de França, desta vez utilizada para homenagens à bíblia, que por si só contempla vários dos aspectos já abordados:

Fazei ressoar, ressoar.../ A palavra de Deus em todo lugar/ Vamos lá/ Na cultura na História, vamos expressar/ Levando a palavra de Deus em todo lugar, vamos lá/ Com o negro e com o índio, vamos pois louvar/ e com a comunidade, vamos festejar, vamos lá/ Com o atabaque e com o tambor, vamos celebrar/ Lavando a palavra de Deus em todo/ lugar vamos lá (ENTRADA DA BÍBLIA, 2019)

A memória coletiva que é abordada na obra de Le Goff, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. A música é a forma de difusão do conhecimento da tradição da cultura negro sendo assim, o motivo da importância dos cânticos da liturgia e seus ritos seria de levar a tradição e seus conhecimentos a todo lugar, construindo, no caso estudado neste trabalho, a memória coletiva do grupo de frequentadores das missas católicas aculturadas. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos seus homens. (LE GOFF, 2016, p.437)

As músicas apresentadas ainda possibilitam analisar a retórica com seus aspectos sociais e seu significado, favorecendo a elaboração de um inventário cronológico das palavras, procurando identificar seu significado de acordo com os valores impostos pelo grupo; as mudanças sociais se traduzem pelas mudanças na estrutura lingüística. (CARNEIRO, 1996, p.24). Em termos gerais, os conceitos de memória e a retórica foram fundamentais para se entender a liturgia e sua importância, na resistência e no resgate da memória e valorização da cultura negra.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer deste trabalho identificamos que a prática deste catolicismo negro foi uma das marcas mais importantes para a construção da identidade negra brasileira, e que a memória afro-brasileira ainda tem muito por ser estudada, principalmente na chave dos espaços católicos negros. A sua importância ultrapassa os aspectos ritualísticos e as relações sociais e tem suma importância para o povo negro, principalmente porque estas igrejas são marcos de resistência urbana e de ruptura para a sociedade atual.

Em 2019 a Comunidade do Rosário da Penha celebrou sua 18ª festa, com o Tema “Rosário, ventre que gera sementes de resistência”, resgatando a valorização da mulher negra e importância daquele território como irradiador da cultura de matriz africana. Além da festa realizada anualmente, as ações da Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França contribuem principalmente para a conservação do Patrimônio e do lugar de memória negra em São Paulo. A solidariedade da comunidade entre os seus adquire força para a permanência até os dias atuais, tornando-se um espaço de referência religiosa, social e cultural. Sendo resistente e mantendo a constância de suas celebrações mensais –principalmente no Brasil do século XXI do carente do protagonismo negro –, a Comunidade do Rosário que atua de forma independente revela, a partir da forma como gere este espaço sagrado, sua importância até mesmo para as instituições católicas, que atualmente tem somente na Pastoral Afro Brasileira um instrumento para construir uma identidade negra que chegue às periferias, onde se encontra a maior parcela da população Afrodescendente. Visando especificamente o reconhecimento e a inclusão social de sujeitos historicamente desconsiderados, por intermédio das missas inculturadas a Comunidade do Rosário favorece o resgate da memória afro-brasileira, preserva e valoriza o solo sagrado de seus ancestrais.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo**. São Paulo, Livraria José Olympio, 1953
- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1971.
- BORGES, Célia Maia. **Escravos e Liberto nas Irmandades do Rosário: Devoção e Solidariedade em Minas Gerais- Séculos XVIII e XIX**. São Paulo, Editora UFJF, 2005
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O Discurso da Intolerância. Fontes para o estudo do racismo. In: DI CREDO, Maria do Carmo Sampaio. (org) **Fontes Históricas: abordagens e métodos**. Assis: UNESP, 1996. P.21-32
- CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. Lisboa: Celta, 1999
- eresistência**. São Paulo, Annablume e FAPESP, 2002.

- GOFF, Jacques Le. **História & Memória**. 7 ed. São Paulo, Editora Unicamp, 2016.
- LUCAS, Glaura., **Os Sons do Rosário**. O congado Mineiro dos Arturos e Jatobá. 2 ed. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.
- MORELLI, José. **Penha de França Expressões do Rosário**. Irmandade da igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França: testemunho de solidariedade e de esperança. São Paulo, Câmara Brasileira do Livro, 2016
- Moura, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. 2.ed. São Paulo, Perspectiva, 2019
- QUINTÃO, Antônia Aparecida. **Irmandades Negras: outro espaço de Luta**
- REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas: Irmandades de africanos e crioulos na Bahia Setecentista**. São Paulo, Alameda, 2011
- ROSÁRIO, Comunidade do. **Folheto de Cânticos**. Liturgia Musical da Missa Aculturada realizada nos meses de maio e junho na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França. São Paulo: 2019.
- SANTOS, Fabricio Forganés. **“As Igrejas das Irmandades dos Homens Pretos e a memória afro-brasileira no urbanismo da cidade de São Paulo.”** Anais do II Seminário Internacional Espaços Narrados: as línguas na construção dos territórios ibero-americanos. JORGE, Luís Antônio (Org.). São Paulo: FAU/USP, p: 392-413, 2019
- SCARANO, Julita. **Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII**. 2 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção Brasileira**. 5 ed. São Paulo, Selo Negro, 2005
- SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. 3 ed. São Paulo, Editora Ática, 2013.
- SOUZA, Ney de. **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo**. São Paulo, Paulinas, 2004
- TINHORÃO, José Ramos, **Festa de Negro em Devoção de Branco**. Do carnaval na procissão ao teatro no círio. São Paulo, Editora UNESP, 2012.